

O Ritual da Páscoa

na Colônia São Pedro - Torres (RS)



Virgínia Rolim Wolffenbüttel

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Virgínia Rolim Wolffenbüttel
Cristina Rolim Wolffenbüttel



O Ritual da Páscoa

na Colônia São Pedro -
Torres (RS)




EDITORA
SCHREIBEN

2024

© Dos autores - 2024

Editoração e capa: Schreiben. Imagem da capa: djvstock - Freepik.com

Revisão: os autores

Livro publicado em: 24/04/2024 Termo de publicação: TP0222024

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dr. Ana Carolina Martins da Silva (UIERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerin Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W858r Wolfenbüttel, Virgínia Rolim

O Ritual da Páscoa na Colônia São Pedro, Torres (RS). /
Virgínia Rolim Wolfenbüttel, Cristina Rolim Wolfenbüttel. –
Itapiranga : Schreiben, 2024.

75 p. ; e-book

E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-251-4

DOI: 10.29327/5395773

1. Festas religiosas. 2. Páscoa. 3. Colônia São Pedro. I. Título.

CDU 27-56

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

Sumário

O Ritual da Páscoa na Colônia São Pedro – Torres (RS).....	5
Metodologia da Pesquisa.....	8
Páscoa: Etimologia da Palavra.....	16
Origens Históricas da Celebração da Páscoa.....	21
Símbolos Pascuais.....	24
O Cordeiro Pascal.....	25
Luzes, velas, fogueiras e o Círio Pascal.....	28
O Coelho da Páscoa.....	30
Os Ovos de Páscoa.....	33
A Páscoa no Mundo.....	37
A Páscoa no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	39
Torres e a Colônia São Pedro.....	44
A Páscoa na Colônia São Pedro: uma visão a partir da pesquisa.....	51
A Páscoa na Atualidade da Colônia São Pedro.....	56
Outros Dados Coletados na Pesquisa:	
Glossário e a Culinária da Páscoa.....	59
Glossário Pascal da Colônia São Pedro.....	59
Tradições Culinárias da Páscoa na Colônia São Pedro.....	60
Considerações Finais.....	63
Referências.....	68
Índice Remissivo.....	72



O Ritual da Páscoa na Colônia São Pedro – Torres (RS)

Introdução

A celebração da Páscoa, um evento profundamente enraizado na ressurreição de Cristo, serve como pano de fundo para esta investigação. O objetivo deste estudo é duplo: por um lado, busca-se resgatar e valorizar uma expressão cultural específica de uma comunidade próxima à capital do Rio Grande do Sul (RS), a Colônia São Pedro¹; por outro, pretende-se ampliar o reconhecimento e a apreciação dessa tradição. Este trabalho destaca a simplicidade do evento em questão, contrastando-a com a profundidade e o compromisso da análise apresentada. A narrativa não apenas situa a Colônia São Pedro no contexto

1 Nesta pesquisa, a escolha pela denominação “Colônia São Pedro” foi motivada por razões afetivas, apesar de o nome oficial ter sido alterado para Dom Pedro de Alcântara. Originalmente o 5º distrito de Torres, a localidade teve sua denominação oficialmente modificada em 29 de dezembro de 1995. Esta mudança ocorreu por meio da Lei Estadual nº 10.647, sancionada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, estabelecendo assim o novo nome de Dom Pedro de Alcântara.

geográfico e histórico, mas também tece conexões entre as tradições pascais globais e sua manifestação local no Brasil, mais especificamente no RS e na região em estudo.

Além de explorar esses aspectos, o estudo oferece aos leitores um glossário de termos locais e uma seção dedicada às tradições culinárias da Páscoa, incluindo receitas de iguarias feitas com especial cuidado por aqueles que valorizam essa época do ano. A Páscoa emerge aqui como um momento de profunda espiritualidade, e este trabalho visa enriquecer o corpus de pesquisas sobre as práticas culturais do Rio Grande do Sul, destacando a persistência de tradições em um mundo em constante mudança.

Desde a infância, percebemos a Páscoa não apenas como uma celebração de nuances econômicas, mas como uma festividade rica em significado, marcada por uma história e tradições que ressoam com a humanidade há milênios. Este fascínio não é fortuito; ele nasce da experiência de observar a Páscoa em uma pequena colônia alemã em Torres, cujas práticas se mantiveram quase inalteradas ao longo do tempo. Tivemos o privilégio de participar dessas celebrações e testemunhar sua importância para a comunidade, observando que

os rituais essenciais permaneceram consistentes ao longo dos anos, talvez devido ao isolamento geográfico da colônia, cercada por morros e floresta atlântica, e a uma distância considerável da rodovia BR 101.

Investigar a Páscoa foi uma oportunidade de vivenciar as diversas fases de sua evolução como celebração popular e de compreender a origem de suas múltiplas facetas. Estudar essa tradição em um grupo que preserva suas práticas ancestrais é como embarcar em uma jornada por diferentes culturas e povos ao redor do mundo, revelando a universalidade e a singularidade das celebrações pascais.

Metodologia da Pesquisa

A metodologia adotada para a investigação sobre a cidade Colônia São Pedro empregou uma abordagem qualitativa, centrada no método de estudo de caso. Este enfoque foi escolhido por permitir uma compreensão profunda e detalhada do objeto de estudo, neste caso, a cidade em questão, permitindo explorar as particularidades, histórias e dinâmicas sociais que a caracterizam.

A abordagem qualitativa é particularmente adequada para estudos que visam entender os significados e interpretações que as pessoas atribuem às suas experiências, sendo, portanto, apropriada para a análise de uma comunidade com ricas tradições e histórias como Colônia São Pedro.

Conforme Stake (2011), a missão central do pesquisador em estudos qualitativos é alcançar uma compreensão profunda e abrangente do fenômeno em análise, esforçando-se para capturar a essência da realidade estudada em toda a sua complexidade. O pesquisador atua como o principal meio através do qual os dados são interpretados e coletados, buscando mergulhar na realidade que está sendo investigada para retratá-la de maneira integral. Isso envolve uma imersão profunda na realidade

interpretada, reconhecendo a natureza dinâmica e multifacetada das experiências humanas. Para o autor, a complexidade do objeto de estudo é desvendada por meio da triangulação, que consiste na integração de diversas interpretações e perspectivas, enriquecendo o entendimento do pesquisador sobre o fenômeno. Ao valorizar as experiências dos participantes de maneira empática e respeitosa, bem como refletindo sobre sua própria jornada como parte do processo investigativo, ao realizar uma pesquisa qualitativa, adota-se uma postura ética rigorosa. Isso inclui a proteção dos participantes contra quaisquer riscos potenciais, desde a interação durante a pesquisa até a fase de redação dos resultados, assegurando que os princípios éticos da pesquisa sejam mantidos em todas as etapas do estudo.

Na investigação sobre a Páscoa na Colônia São Pedro, procuramos assumir o papel de pesquisadoras qualitativas, conforme descrito por Stake (2011). Optou-se por não apenas coletar e interpretar dados, mas também tecer uma representação rica e multifacetada da realidade estudada, reconhecendo e valorizando as diversas camadas de experiências e perspectivas envolvidas, enquanto mantém um compromisso inabalável

com a ética e a integridade da pesquisa.

O caso do estudo foi a Páscoa na Colônia São Pedro. Yin (1994) explica que este é um método particularmente adequado para investigar eventos atuais, especialmente em situações em que não é possível controlar as variáveis de interesse. Diferentemente da abordagem histórica, que se baseia primariamente em documentos e registros passados, o estudo de caso incorpora não apenas esses elementos, mas também se vale de observações diretas e entrevistas estruturadas. Essa metodologia permite uma análise mais rica e diversificada, expandindo o leque de evidências para incluir não apenas documentos e artefatos, mas também *insights* diretos obtidos através de entrevistas e a observação do comportamento dos indivíduos no seu ambiente natural. Nesse sentido, as observações de diversos objetos que se relacionassem à Páscoa, bem como as conversas com moradores e pessoas provenientes da localidade foram muito importantes para compor o cenário da pesquisa, analisando os dados e entendendo, por fim, a Páscoa na Colônia São Pedro.

Embora haja uma interseção entre os estudos de caso e a pesquisa histórica, uma vantagem distintiva deste método é sua habilidade em integrar uma ampla gama de fontes de dados.

Isso vai além do que geralmente é explorado na pesquisa histórica tradicional. Além disso, em determinadas circunstâncias, como na observação participante, pode haver uma forma de manipulação informal dos comportamentos observados. Essa abordagem multifacetada do estudo de caso oferece uma compreensão mais ampla dos fenômenos em questão, permitindo que os pesquisadores capturem a complexidade e a nuance dos eventos contemporâneos de maneira que outros métodos de pesquisa, incluindo a análise histórica convencional, muitas vezes não conseguem. Desse modo, a partir da abordagem qualitativa e do estudo de caso, foi possível montar o cenário para a análise da Páscoa.

Para coletar dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores da localidade, assim como com indivíduos nascidos na cidade que, por algum motivo, não residem mais lá. Essa estratégia permitiu captar uma ampla gama de perspectivas, incluindo tanto as visões atuais dos residentes quanto as memórias e percepções daqueles que se mudaram. As entrevistas semiestruturadas forneceram flexibilidade para que entrevistássemos as pessoas, explorando os temas em maior profundidade, ao mesmo tempo em que mantivemos um foco nos tópicos de interesse da pesquisa.

As entrevistas, segundo Duarte (2004), desempenham um papel crucial quando o objetivo é explorar de forma detalhada práticas, crenças, valores e sistemas de classificação dentro de contextos sociais específicos, que sejam relativamente bem definidos, mas cujos conflitos e contradições podem não ser imediatamente aparentes. Se conduzidas adequadamente, elas oferecem ao pesquisador a oportunidade de realizar uma imersão profunda, capturando pistas sobre como os indivíduos envolvidos interpretam e atribuem significado à sua própria realidade. Isso facilita a coleta de dados que possibilitam descrever e entender a lógica subjacente às interações dentro do grupo em questão.

Esse processo tratado por Duarte (2004) foi trilhado na pesquisa ora apresentada. Essa compreensão muitas vezes mostrou-se mais desafiadora de ser alcançada por meio de outras ferramentas de coleta de dados. Por intermédio desse processo, a entrevista se revelou como uma técnica valiosa para acessar as nuances e a complexidade das dinâmicas sociais existentes na Colônia São Pedro, permitindo uma apreensão mais rica e detalhada das maneiras pelas quais as pessoas concebem sua existência e interação dentro de seus contextos sociais. Ao possibilitar esse nível de detalhamento

e profundidade, as entrevistas se tornam essenciais para desvendar as camadas ocultas de significado que governam as relações humanas em ambientes específicos, contribuindo significativamente para a qualidade e profundidade da pesquisa qualitativa.

Além das entrevistas, foram realizadas observações participantes durante o período da Páscoa, um momento de grande importância cultural e social na cidade. Essas observações permitiram-nos capturar as práticas, rituais e celebrações que definem a celebração da Páscoa na Colônia São Pedro, oferecendo *insights* valiosos sobre a identidade cultural da comunidade. Os registros dessas observações foram complementados por fotografias, que serviram como um rico recurso visual para documentar e analisar as tradições pascais.

A análise dos dados coletados foi conduzida por meio da análise de conteúdo, conforme delineado por Moraes (1999). Esta técnica envolveu a codificação dos dados qualitativos (transcrições de entrevistas, notas de observação, fotografias) em categorias temáticas, facilitando a identificação de padrões, temas e significados emergentes nos dados. A análise de conteúdo é particularmente útil em estudos qualitativos, pois permite uma exploração sistemática e interpretativa do conteúdo dos dados, possibilitando

aos pesquisadores desenvolver uma compreensão aprofundada das nuances e complexidades do caso estudado. Assim ocorreu na presente pesquisa.

A metodologia adotada para este estudo de caso sobre a Colônia São Pedro privilegiou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas e observações participantes durante um período culturalmente significativo, com a análise de conteúdo servindo como o principal método de análise dos dados coletados. Esta abordagem metodológica permitiu uma investigação detalhada e contextualizada da cidade, revelando as dinâmicas sociais, culturais e históricas que a definem.

Ao concluir este capítulo sobre a metodologia empregada na pesquisa na Colônia São Pedro, é essencial refletir sobre a riqueza e profundidade dos dados coletados por intermédio da abordagem qualitativa e do estudo de caso. A escolha dessa metodologia não foi aleatória, mas sim uma decisão consciente que buscou capturar a essência complexa e multifacetada da celebração da Páscoa nesta comunidade específica. Com as entrevistas semiestruturadas e as observações participantes, foi possível não apenas documentar, mas também compreender as práticas, crenças e valores que permeiam esta celebração, destacando a

singularidade da experiência pascoal na Colônia São Pedro. A integração desses métodos permitiu uma imersão profunda na cultura local, sendo que cada conversa, cada observação, cada fotografia capturada se transformou em uma peça vital do mosaico que compõe a identidade cultural da comunidade.

Este estudo, portanto, não apenas contribui para o corpo acadêmico com importantes descobertas sobre as tradições pascais de uma comunidade específica, mas também ressalta a importância da metodologia qualitativa no estudo de fenômenos culturais. A análise de conteúdo, aplicada aos dados coletados, revelou padrões e temas que transcendem a simples descrição dos eventos, oferecendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais em jogo. Assim, este capítulo não apenas documenta a metodologia e a abordagem ética adotada durante a pesquisa, mas também serve como um testemunho do poder da metodologia qualitativa em desvendar a complexidade das experiências humanas. Ao avançarmos para os próximos capítulos, levamos conosco a certeza de que a abordagem adotada foi essencial para capturar a essência da Páscoa na Colônia São Pedro, proporcionando uma base significativa para as análises subsequentes e contribuições futuras neste campo de estudo.

Páscoa: Etimologia da Palavra

A Páscoa, uma celebração profundamente enraizada em tradições históricas e religiosas, possui uma etimologia fascinante que atravessa culturas e idiomas. Originária de raízes hebraicas, a palavra “Páscoa” apresenta várias grafias, incluindo “pesah”, “pesakh”, “pessach”, “pesach” no hebraico, e “pasah” em aramaico. Cada uma dessas variantes carrega o significado de “passagem”, refletindo a natureza transitória e transformadora da celebração (Judge, 1992).

Interessantemente, a palavra também tem conotações em outras línguas antigas. No Egito antigo, por exemplo, ela poderia ser interpretada como “golpe” ou “ferida”, uma referência direta às pragas que, segundo a tradição, foram infligidas aos egípcios para libertar os israelitas da escravidão. Em contraste, no siríaco, uma língua semítica usada no Oriente Médio antigo, o termo relacionado à Páscoa sugere sentimentos de felicidade e alegria (Hutton, 2001).

No contexto bíblico hebraico, o termo “pesah” evoluiu para simbolizar o ato de “passar adiante” ou “saltar”, uma alusão à passagem do Anjo da Morte sobre as casas dos israelitas, poupando-os durante a última

das dez pragas do Egito. Originalmente, a Páscoa pode ter sido concebida como uma dança ritual, associada à transição do sol pela constelação do Carneiro ou ao apogeu lunar, marcando assim não apenas uma conotação religiosa, mas também a celebração da mudança das estações — do inverno para a primavera no hemisfério norte — durante o equinócio, um período em que dia e noite têm duração igual e a vida é celebrada por seu retorno e renovação na terra (Pitre, 2016).

Com o advento do cristianismo, a Páscoa adquiriu uma nova camada de significado, passando a simbolizar a passagem da morte para a vida mediante a ressurreição de Jesus Cristo. Essa transformação do significado reflete a capacidade do cristianismo de integrar e reinterpretar festividades e conceitos pré-existentes (Talley, 1991).

A conexão entre as celebrações da Páscoa e as tradições saxônicas, conforme mencionado, revela a complexa tapeçaria da história cultural e religiosa que moldou as festividades contemporâneas. A referência ao “Eostur-Monath”, que significa o mês de abril nas tradições saxônicas, ilumina a profunda relação entre os ciclos naturais e as práticas religiosas. A celebração do fim do inverno e o início da primavera, com seu simbolismo de renascimento e renovação,

encontra um paralelo direto nas narrativas cristãs da ressurreição. Esta época do ano, marcada por um visível florescer da vida após os meses frios e sombrios de inverno, oferece um pano de fundo natural para a celebração da vitória sobre a morte e o triunfo da vida, temas centrais tanto na Páscoa cristã quanto nas celebrações pagãs da primavera.

A etimologia das palavras “Easter” em inglês e “Ostern” em alemão, que apontam para a origem em “Eostre” — a deusa anglo-saxônica da primavera e da aurora —, não é apenas uma curiosidade linguística, mas um indicativo da fusão entre as celebrações cristãs e as tradições pagãs. “Eostre”, como uma divindade que simboliza o despertar e o renascimento da natureza, encapsula os sentimentos de esperança e renovação que são tão essenciais para a Páscoa. Isso sugere que, enquanto a Páscoa celebra a ressurreição de Cristo dentro do cristianismo, ela também se entrelaça com e ressoa através de tradições muito mais antigas que celebram a perpetuidade e o ciclo da vida, morte e renascimento.

Além disso, a incorporação de símbolos da primavera, como ovos e coelhos, nas celebrações da Páscoa reflete essa intersecção de tradições. Os ovos, com seu simbolismo de vida nova emergindo, e os coelhos, conhecidos por sua fertilidade, são elementos

que, embora não sejam originários das narrativas bíblicas, foram assimilados na celebração da Páscoa, servindo como metáforas poderosas para os temas de renovação e renascimento.

A análise de Talley (1991) sobre a intersecção entre as celebrações da Páscoa e as antigas festividades pagãs da primavera oferece uma perspectiva valiosa sobre como as práticas religiosas evoluem e se adaptam ao longo do tempo. Ao destacar essas conexões, Talley não apenas ilumina a origem e o desenvolvimento das tradições da Páscoa, mas também enfatiza a universalidade dos temas de renovação, libertação e rejuvenescimento. Esses temas, presentes em muitas culturas e tradições religiosas, falam da aspiração humana por renovação e da crença na possibilidade de um novo começo.

Ao contemplar a Páscoa dentro deste contexto mais amplo, torna-se evidente que a festividade é mais do que uma celebração religiosa específica; é um ponto de encontro para diversas tradições e crenças, todas elas celebrando a vitória da vida sobre a morte, da luz sobre a escuridão. Com o auxílio dessa lente, a Páscoa pode ser vista como uma expressão da esperança fundamental e da resiliência que define a experiência humana, unindo pessoas de diferentes tradições em um reconhecimento compartilhado da renovação da vida e

da promessa de renascimento.

A Páscoa representa um mosaico cultural e espiritual, entrelaçando tradições judaicas, cristãs e pagãs, cada uma contribuindo com camadas de significado que refletem a rica tapeçaria da história humana. Ao celebrar a Páscoa, não apenas reconhecemos um momento crucial nas narrativas religiosas, mas também participamos de uma tradição que transcende fronteiras culturais, celebrando os ciclos eternos de morte e renascimento que definem a experiência humana.

Origens Históricas da Celebração da Páscoa

A celebração da Páscoa, com suas profundas raízes históricas e culturais, representa um mosaico complexo de tradições que abrangem desde rituais ancestrais até significados religiosos profundamente enraizados. Esta festividade, que marca um ponto de convergência entre diferentes culturas e crenças, simboliza a universalidade da esperança, da renovação e da vida em sua essência mais pura (Hastings; Mason; Pyper, 2000).

No hemisfério norte, a chegada da primavera traz consigo não apenas o desabrochar da natureza, mas também a promessa de renovação e novos começos. Essa época do ano é celebrada em várias culturas com festividades que refletem a alegria e a esperança que a renovação da vida inspira. Essas celebrações primaveris, repletas de simbolismo, preparam o cenário para a Páscoa, uma festa que, em sua essência, celebra a vitória da vida sobre a morte (Talley, 1991).

Desde os primeiros séculos, as celebrações da Páscoa cristã absorveram e reinterpretaram tradições e rituais pagãos que marcavam a transição das estações. Essa fusão de tradições destaca a capacidade humana de encontrar pontos de conexão e significado compartilhado, mesmo em crenças e

práticas aparentemente distintas.

A história da Páscoa remonta ao Antigo Egito, onde os hebreus, sob a liderança de Moisés, celebraram sua libertação da escravidão. Esta celebração, profundamente enraizada nas tradições semitas e na vida nômade e pastoril, destacou a importância da gratidão e da proteção divina. O ritual prescrito por Moisés, que incluía o sacrifício de um cordeiro sem defeitos e o uso de seu sangue como um sinal de proteção, simbolizava a fé e a dependência do povo em uma força maior para sua salvação (Sanders, 2016).

A observância da Páscoa no Monte Sinai reforçou essa tradição como um pilar da fé e identidade judaicas, estabelecendo um ciclo de celebração e rememoração que seria transmitido ao longo das gerações. A ceia pascal, com seus elementos rituais e simbólicos, tornou-se um momento de união, reflexão e renovação para a comunidade.

A transição da Páscoa judaica para a celebração cristã da Páscoa é marcada pela última ceia de Jesus com seus discípulos, integrando a morte e ressurreição de Cristo aos simbolismos da libertação e renovação já presentes na tradição judaica. Essa integração não apenas enriqueceu a celebração com novas camadas de significado, mas

também estabeleceu a Páscoa como a celebração central da fé cristã, simbolizando a esperança na salvação e na vida eterna (Stadler, 2008).

A determinação da data da Páscoa pelo Concílio de Nicéia reflete o desejo de unificar a celebração em torno de um sistema que respeitasse tanto os ciclos lunares quanto a importância simbólica da primavera. Essa decisão, embora técnica, sublinha a importância da Páscoa como um momento de união e celebração comum entre os cristãos, independentemente das diferenças geográficas ou culturais (Mosshammer, 2008).

A celebração da Páscoa, portanto, transcende as fronteiras da religião e da cultura, servindo como um lembrete poderoso da capacidade da humanidade de encontrar esperança na renovação, significado na tradição e união na diversidade. A Páscoa nos convida a refletir sobre os ciclos da vida, a importância da fé e da comunidade, e a promessa eterna de renovação e redenção.

Símbolos Pascais

A Páscoa, uma das celebrações mais significativas e profundas do calendário cristão, é cercada por vários símbolos e rituais que transcendem o tempo e as culturas. O cordeiro, as luzes, o Círio, o coelho e os ovos, por exemplo, carregam camadas de significado e história, convidam-nos a uma reflexão profunda sobre temas universais como redenção, sacrifício, renovação, esperança e a vitória da vida sobre a morte. Desde o cordeiro pascal, que evoca a redenção por meio do sacrifício, às luzes que rompem a escuridão, simbolizando a ressurreição de Cristo, cada elemento das celebrações pascais convida à introspecção e ao rejuvenescimento espiritual.

À medida que exploramos os diversos símbolos pascais - o cordeiro, as luzes e velas, o coelho e os ovos de Páscoa - mergulhamos em um oceano de tradições que se entrelaçam com a história humana, revelando como a fé, a cultura e a natureza humana se encontram e se expressam nas festividades. Objetiva-se, nesta parte do texto, desvendar os significados profundos por trás desses símbolos, oferecendo uma perspectiva ampliada sobre como eles refletem e enriquecem a celebração da Páscoa.

Neste estudo, começamos com o símbolo do

cordeiro pascal, que se destaca como um emblema poderoso de sacrifício e redenção, abrindo caminho para a compreensão dos demais símbolos que tecem a narrativa pascal. Vamos, portanto, adentrar neste universo simbólico, reconhecendo nele a intersecção da fé, da tradição e da esperança que define a celebração da Páscoa.

O Cordeiro Pascal

A simbologia do cordeiro pascal, entrelaçada às celebrações da Páscoa, é um convite à reflexão profunda sobre a redenção, a sacrifício e a renovação da fé, elementos centrais tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo. Este símbolo, rico em camadas históricas e teológicas, oferece uma ponte entre o passado e o presente, entre tradições judaicas e ensinamentos cristãos, refletindo a complexidade e a profundidade da experiência espiritual humana.

No Judaísmo, o cordeiro pascal tem suas raízes na celebração de Pessach, ou Passover, que comemora o êxodo dos israelitas do Egito, conforme narrado no livro de Êxodo, na Bíblia Hebraica. A prática de sacrificar um cordeiro e marcar as portas das casas com seu sangue era uma ordem divina para proteger os primogênitos israelitas da última praga enviada por Deus ao Egito. Este ato de fé e

obediência marca a passagem (Pessach) dos israelitas da escravidão para a liberdade, um tema recorrente e fundamental na história e na teologia judaica (Pitre, 2016).

A transição deste simbolismo para o Cristianismo se dá com o auxílio da interpretação de Jesus Cristo como o “Cordeiro de Deus”. Os primeiros cristãos, muitos dos quais judeus que reconheceram em Jesus o messias prometido, viram no sacrifício de Cristo na cruz uma nova passagem: a libertação da humanidade do pecado e da morte. Essa interpretação é fundamentada em várias passagens do Novo Testamento, como a citação de João Batista em João 1:29, em que Jesus é anunciado como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, e as referências ao sacrifício de Cristo como um cordeiro em 1 Pedro 1:19 e Apocalipse 5:6 (Pitre, 2016).

A adoção do cordeiro pascal como símbolo de Jesus Cristo enriquece o significado da Páscoa cristã, introduzindo camadas de significado que abrangem sacrifício, redenção e a promessa de renovação. O cordeiro imolado, mas agora ressurrecto, simboliza a vitória de Cristo sobre a morte, oferecendo aos fiéis a esperança da vida eterna e da redenção dos pecados. Esta interpretação não apenas alinha Jesus

com a promessa messiânica do Antigo Testamento, mas também reitera a centralidade do amor, do sacrifício e da misericórdia divina na mensagem cristã.

Culturalmente, o cordeiro pascal também se manifesta nas tradições culinárias e nas práticas de celebração da Páscoa em diversas comunidades cristãs ao redor do mundo, servindo como um lembrete tangível do sacrifício de Cristo. Desde os pratos preparados com cordeiro até as representações artísticas e litúrgicas, o símbolo permeia as celebrações pascais, enriquecendo a experiência espiritual da festividade (Pitre, 2016).

O cordeiro pascal transcende sua origem como um rito de sacrifício judaico, transformando-se em um emblema multifacetado de redenção, sacrifício e renovação da fé no contexto cristão. Este símbolo serve como uma ponte entre o passado e o presente, entre a tradição judaica e a fé cristã, refletindo a contínua busca humana por significado, libertação e conexão com o divino. Ao contemplarmos o cordeiro pascal, somos convidados a refletir sobre as profundezas da misericórdia e do amor divinos, e a renovar nossa fé na promessa da redenção e na esperança da ressurreição.

Luzes, velas, fogueiras e o Círio Pascal

Luzes, velas, fogueiras e, de forma destacada, o Círio Pascal, são elementos centrais nas celebrações pascais, desempenhando um papel simbólico profundo e multifacetado. Estes símbolos de luz não são meros adornos; eles carregam consigo uma miríade de significados, enraizados na vitória da luz sobre a escuridão e da vida sobre a morte. Este conjunto de símbolos ilumina não apenas os espaços físicos onde as celebrações ocorrem, mas também os corações e mentes dos fiéis, reafirmando a mensagem de esperança e renovação que está no cerne da Páscoa.

A tradição do Círio Pascal, que pode ser rastreada até pelo menos o século V, é particularmente emblemática dentro das celebrações da Vigília Pascal. A cerimônia começa com a criação de um novo fogo, um ato carregado de simbolismo, representando a nova vida que emerge por meio da ressurreição de Cristo. Este fogo, purificado e abençoado, é então utilizado para acender o Círio Pascal, uma grande vela que se destaca não apenas pelo seu tamanho, mas pelo significado que carrega. O Círio é marcado com símbolos de Cristo, o Alfa e o Ômega, indicando que Deus está presente desde o início até o fim dos tempos, e com a data do ano, simbolizando a presença eterna de Cristo na história da humanidade (Steffler, 2002).

À medida que o Círio Pascal é aceso, sua chama é usada para reacender as velas de todos os presentes na celebração, um ato que simboliza a disseminação da luz de Cristo e a partilha da esperança entre a comunidade de fiéis. Este momento é de profunda beleza e comunhão, pois a luz do Círio se multiplica, afastando a escuridão da igreja, simbolizando a luz de Cristo que ilumina o mundo e dissipa as trevas do pecado e da morte.

Esta tradição, profundamente enraizada na fé cristã, é celebrada em diversas culturas ao redor do mundo, adaptando-se às particularidades locais, mas mantendo seu essencial simbolismo. Em cada contexto, o Círio Pascal e as demais luzes da Páscoa reafirmam a crença na ressurreição de Cristo como fonte de luz, guia e proteção contra as trevas, tanto físicas quanto espirituais (Steffler, 2002). Por meio destes rituais, os fiéis são convidados a refletir sobre o significado da Páscoa, renovando sua fé e esperança na promessa de uma nova vida.

As celebrações pascais, com suas luzes, velas, fogueiras e, especialmente, o Círio Pascal, são momentos de profunda reflexão e alegria. Elas nos lembram da vitória da luz sobre a escuridão, da vida sobre a morte, e nos convidam a levar essa luz para dentro de nossas vidas, iluminando nosso caminho e o dos que nos cercam com a esperança e a alegria da ressurreição.

O Coelho da Páscoa

O Coelho da Páscoa, um ícone amplamente reconhecido das celebrações pascais, transcende a mera figura de um símbolo moderno e secular, mergulhando suas raízes nas tradições antigas que exaltam a fertilidade e a renovação da vida. Essa figura emblemática, que hoje em dia é associada principalmente à doçura dos chocolates e à alegria das caças aos ovos de Páscoa, carrega consigo uma herança cultural e espiritual profunda, refletindo a complexidade e a riqueza das celebrações da Páscoa ao longo dos séculos.

No antigo Egito, o coelho era reverenciado não apenas como um mero animal, mas como um potente símbolo de nascimento e nova vida. Esta veneração não era exclusiva; atravessou fronteiras e se entrelaçou com as crenças e práticas de diversas culturas ao redor do mundo. A figura do coelho, com sua notável capacidade reprodutiva, tornou-se um emblema universal de fertilidade, uma manifestação viva da incessante e abundante renovação da vida na Terra (Wilkinson, 2017).

Esta associação intrínseca com a fertilidade e a renovação da vida fez do coelho um símbolo naturalmente alinhado com a essência da Páscoa. A celebração da Páscoa, em seu núcleo, é uma celebração

da ressurreição de Cristo — um evento que representa a vitória sobre a morte e a promessa de uma nova vida. Assim, a imagem do coelho da Páscoa surge não apenas como uma figura de entretenimento infantil, mas como um portador de significado, um mensageiro da esperança e da renovação.

Dentro do espectro das tradições pascais, destaca-se uma narrativa que sintetiza os princípios da generosidade e da esperança, permeada por elementos mágicos. Esta história, cujas autorias já se perderam no tempo, origina-se na ação de uma mulher de condição modesta, cujo amor por seus filhos a motiva a ocultar ovos coloridos, emblemas de renovação e vida, com o intuito de proporcionar-lhes felicidade. Este ato, apesar de sua simplicidade, carrega uma profundidade significativa, inserindo um elemento de luz e esperança no cotidiano marcado pela adversidade, e serve como um microcosmo da capacidade humana de infundir a vida cotidiana com significado e alegria através de gestos de amor e cuidado (Watts, 2023).

A transformação desta prática maternal em uma experiência mágica ocorre com a inesperada aparição de um coelho, que, ao ser associado aos ovos escondidos, ascende à condição de uma entidade mítica — o Coelho da Páscoa. Este ser,

agora um portador de presentes e alegrias, simboliza a transmutação do ordinário em extraordinário e a inserção do maravilhoso no cotidiano. A interação entre a mulher e o coelho, e a subsequente evolução desta em uma lenda pascoal, ilustra a interseção entre tradição e magia, evidenciando como a generosidade, mesmo em circunstâncias modestas, pode gerar alegria e maravilhamento. Esta narrativa, tecida a partir de diversos elementos folclóricos e culturais associados à Páscoa, transcende sua origem singular para tornar-se um símbolo da esperança, renovação e magia inerentes à celebração pascoal, perpetuando-se através das gerações e reiterando o poder das tradições em conectar o passado com o presente, e o humano com o mágico (Watts, 2023).

O Coelho da Páscoa permanece como um símbolo multifacetado, entrelaçado com as fibras da história, da religião e da cultura. Ele nos lembra das profundezas da tradição que moldam nossas celebrações contemporâneas e nos convida a refletir sobre os temas universais de renovação, esperança e alegria. Em sua essência, o Coelho da Páscoa é um convite para celebrar a vida, na sua forma mais renovada e promissora, uma tradição que, apesar de suas origens antigas, continua a ressoar com significado em nossos corações na atualidade.

Os Ovos de Páscoa

A tradição dos ovos de Páscoa, um dos símbolos mais emblemáticos desta festividade, incorpora uma profunda e multifacetada gama de significados e origens, entrelaçando-se com a tapeçaria cultural de diversas civilizações ao longo da história. Este símbolo, que transcende culturas e eras, carrega consigo uma rica simbologia relacionada à vida, ao renascimento e à criação. Desde tempos imemoriais, diversas civilizações reconheceram no ovo um poderoso símbolo da vida, fertilidade e renovação. Os egípcios antigos, por exemplo, depositavam ovos em túmulos como um símbolo de vida após a morte, enquanto os persas costumavam pintar ovos para celebrar o Nowruz, o seu Ano Novo, que coincide com o equinócio de primavera, simbolizando a renovação da terra (Khalid, 2020).

O significado intrínseco do ovo como um símbolo de nova vida e renascimento encontrou uma ressonância particular na celebração da Páscoa, uma festividade que, no cerne da tradição cristã, celebra a ressurreição de Jesus Cristo e a promessa de vida nova. A incorporação do ovo como símbolo pascal pode ser observada já nos primeiros séculos da era cristã, embora a prática de presentear ovos decorados, que simbolizam a vida renascida, tenha se tornado mais

difundida na Europa durante a Idade Média (Newall, 1984). A tradição de colorir ovos de Páscoa, conhecida como pysanka, tem raízes profundas em países do leste europeu, como a Ucrânia, onde os ovos são decorados com símbolos e padrões complexos que carregam significados específicos, muitos dos quais simbolizam saúde, fertilidade, pureza e proteção (Zavadenko, 2021).

Com o advento do século XVIII, a Igreja Católica começou a adotar formalmente o ovo como símbolo da Páscoa, uma prática que foi, em parte, influenciada pela proibição do consumo de ovos durante a Quaresma. Esta restrição conferiu aos ovos, uma vez abençoados e consumidos no Domingo de Páscoa, um significado ainda mais profundo, simbolizando a ressurreição e a promessa de renovação (Newall, 1984). A evolução da tradição para incluir ovos de chocolate, iniciada no século XIX, na Europa, reflete não apenas a inovação culinária, mas também a continuação e adaptação da celebração da vida e da esperança inerentes à Páscoa (Newall, 1984).

Os ovos de Páscoa, seja em sua forma natural decorada ou como confeitos de chocolate, constituem um elo cultural e simbólico que atravessa gerações e geografias, refletindo a

universalidade dos temas de renovação, esperança e celebração da vida. Esta prática, enraizada em antigas tradições e adaptada ao longo dos séculos, permanece um testemunho vibrante da capacidade humana de conferir significado e continuidade às suas celebrações mais sagradas.

Os símbolos pascais - o cordeiro, as luzes e velas, o Círio Pascal, o coelho e os ovos de Páscoa - entrelaçam-se para formar uma narrativa rica e multifacetada que celebra os temas universais de redenção, sacrifício, renovação, esperança e a vitória da vida sobre a morte. Cada um desses símbolos carrega consigo uma história profunda, enraizada tanto na tradição judaico-cristã quanto em práticas culturais que datam de tempos antigos. O cordeiro pascal, com seu profundo significado de sacrifício e redenção, serve como um elo entre o passado e o presente, unindo as tradições judaicas e cristãs em uma reflexão sobre a salvação e o amor divino. As luzes e o Círio Pascal reafirmam a mensagem de esperança e renovação, simbolizando a luz de Cristo que rompe as trevas, guiando os fiéis em direção à redenção. O coelho da Páscoa, com suas raízes em antigas tradições de fertilidade, evoluiu para se tornar um símbolo alegre de renovação e vida nova, enquanto os ovos de Páscoa, com sua

rica simbologia de vida, renascimento e criação, transcendem culturas e eras, unindo as pessoas em uma celebração compartilhada da promessa de renovação.

Ao contemplarmos esses símbolos pascais, somos convidados a mergulhar em uma reflexão profunda sobre a essência da Páscoa e os valores universais que ela representa. Esses símbolos, em sua diversidade e riqueza, oferecem múltiplas camadas de significado, convidando-nos a explorar as dimensões da fé, da tradição e da esperança, que definem a celebração da Páscoa. Eles nos lembram da contínua busca humana por significado, libertação e conexão com o divino, ao mesmo tempo em que celebram a capacidade de renovação e transformação inerente à condição humana. Assim, a vasta gama de símbolos pascais não apenas enriquece nossa compreensão da festividade, mas também reforça a mensagem de amor, sacrifício e esperança que está no coração da celebração da Páscoa, unindo os fiéis em uma comunhão de fé e renovação espiritual.

A Páscoa no Mundo

A celebração da Páscoa ao redor do mundo é um conjunto de tradições, rituais e superstições que variam significativamente de um país para outro, refletindo a riqueza cultural e histórica de cada região (Barnett, 1949).

Durante a Idade Média, a Páscoa na Europa era marcada por eventos trágicos, como a perseguição aos judeus em diversos países europeus, alimentada pela crença infundada de que eles utilizavam o sangue de crianças cristãs na preparação do pão ázimo. Essa época do ano, que deveria simbolizar renovação e esperança, era, para muitos, um período de medo e violência (Alikin, 2010).

No México, a celebração pascal é caracterizada por peregrinações a santuários específicos, onde os fiéis se entregam às danças e aos cantos tradicionais, demonstrando a importância da fé e da comunidade nas celebrações. A Rússia, com sua maioria ortodoxa, inicia os preparativos para a Páscoa, sete semanas antes, culminando em celebrações que incluem a saudação “Cristo ressuscitou realmente!”, acompanhadas de vodca e chá, refletindo a alegria e a hospitalidade russa (Black et al., 2018).

Na Calábria, Itália, a Páscoa é profundamente enraizada na religiosidade. As igrejas montam o sepulcro do “Senhor Morto”, e os dias da Semana

Santa são marcados por visitas, procissões e um sentido comunitário de perdão e renovação, culminando em piqueniques de segunda-feira, que celebram a chegada da primavera. Outras regiões da Itália apresentavam uma observância mais rigorosa da Semana Santa no passado, com restrições ao canto e ao entretenimento, um reflexo da seriedade com que a Páscoa era tratada (Peppard, 2016).

Na Espanha, a Semana Santa se estende por cinco dias, repletos de tradições que vão desde a oferta de tortas decoradas pelos padrinhos até procissões iluminadas por tochas, remetendo a tempos antigos e enfatizando a continuidade cultural. A Polônia celebra a Páscoa como um símbolo de renovação e vida nova, com o gesto de compartilhar um ovo cozido abençoado e a bênção de ramos de vime, simbolizando nova vida. A queima do Judas e a preparação dos sepulcros de Cristo são tradições que antecedem a celebração familiar do domingo de Páscoa, onde a ênfase é colocada na família e na renovação espiritual (Black et al., 2018).

Essas diversas tradições pascalinas refletem não apenas as crenças religiosas, mas também os valores culturais, históricos e sociais de cada comunidade, demonstrando como uma celebração pode ser ao mesmo tempo universal e singularmente local.

A Páscoa no Brasil e no Rio Grande do Sul

A Páscoa no Brasil é uma celebração que transcende as barreiras da fé, entrelaçando tradições religiosas com costumes culturais e populares, refletindo a diversidade e a riqueza do país. Este período, que marca o fim da Quaresma e celebra a ressurreição de Jesus Cristo, é vivenciado intensamente em todo o território nacional, com manifestações que variam de acordo com as influências regionais, históricas e sociais.

No coração da celebração da Páscoa, estão as práticas e rituais religiosos. As igrejas católicas organizam uma série de eventos litúrgicos que começam na Semana Santa, com o Domingo de Ramos, e culminam no Domingo de Páscoa. O Tríduo Pascal, composto pela Quinta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão e a Vigília Pascal no Sábado Santo, é o ponto alto dessas celebrações, com missas, procissões e encenações que relembram os últimos dias de Jesus Cristo na Terra, sua morte e ressurreição (Pereira, 2005).

Além das práticas religiosas, a Páscoa no Brasil é marcada por uma série de costumes e tradições populares que enriquecem a celebração. A troca de ovos de chocolate é, sem dúvida, uma

das práticas mais adoradas, especialmente pelas crianças. Essa tradição, que tem origens europeias, foi abraçada pelos brasileiros e transformada numa grande festa, com ovos de todos os tamanhos e sabores, muitas vezes artesanais, ocupando um lugar de destaque nas comemorações.

A culinária também desempenha um papel importante nas celebrações da Páscoa no Brasil. O bacalhau, trazido pelos portugueses, é o prato principal em muitas mesas brasileiras na Sexta-feira Santa, dia em que a tradição católica recomenda abstinência de carne vermelha. Além disso, pratos regionais, que incorporam peixes e frutos do mar, tornam o cardápio pascal ainda mais diversificado e rico.

Em algumas regiões do Brasil, a Páscoa é celebrada com práticas únicas, que refletem a miscelânea cultural do país. No Nordeste, por exemplo, a “Paixão de Cristo” de Nova Jerusalém, em Pernambuco, é uma das maiores encenações ao ar livre do mundo, atraindo espectadores de diversas partes do Brasil e do exterior. Já no Sul, a tradição de colorir e decorar ovos de galinha, conhecida como “Pêssanka”, trazida pelos imigrantes ucranianos, é uma prática que se mantém viva, simbolizando a vida, a saúde e a prosperidade (Steffen, 2008).

A Páscoa brasileira é uma celebração multifacetada que vai além da dimensão religiosa, englobando aspectos culturais, sociais e gastronômicos. É um período de reflexão e renovação, mas também de alegria e confraternização, em que as diferenças se unem no compartilhar de tradições que são tanto universais quanto singularmente brasileiras. Em sua essência, a Páscoa no Brasil é um reflexo da própria identidade nacional: diversa, rica e vibrante (Pereira, 2005).

A celebração da Páscoa no Rio Grande do Sul, um estado brasileiro conhecido por sua rica diversidade cultural e histórica, é um evento que transcende as meras práticas religiosas, tornando-se um espelho da complexa teia de tradições que caracteriza esta região. A historicidade da Páscoa gaúcha, entrelaçada com a atualidade de suas celebrações, oferece uma perspectiva fascinante sobre como tradições seculares se adaptam e persistem em um mundo em constante mudança (Laytano, 1987).

Historicamente, a introdução da Páscoa no Rio Grande do Sul está intrinsecamente ligada à chegada dos primeiros colonizadores europeus e missionários jesuítas que trouxeram consigo as práticas católicas, incluindo a celebração da

ressurreição de Cristo (Flores, 1990). Com o passar dos séculos, à medida que o estado se tornou um caldeirão de imigração, principalmente de italianos e alemães no século XIX, essas tradições religiosas se mesclaram com as culturas locais, criando uma forma única de celebração pascal (Laytano, 1987).

A Páscoa no Rio Grande do Sul não é apenas uma manifestação de fé, mas também um evento cultural que reflete a história de um povo que soube harmonizar diferentes heranças culturais. As práticas religiosas, como as procissões e as missas da Semana Santa, coexistem com tradições importadas e adaptadas, como a pintura de ovos — uma tradição de origem europeia que ganhou novos significados no contexto gaúcho.

Na atualidade, a Páscoa gaúcha continua a ser um momento de profunda expressão religiosa para muitos, mantendo viva a tradição das cerimônias católicas que marcam a ressurreição de Jesus. No entanto, o aspecto cultural da Páscoa se expandiu, refletindo as transformações sociais e culturais do estado. A globalização e a modernização trouxeram novos costumes e influências para as celebrações pascais, como o consumo de chocolates e a realização de “caças aos ovos” para as crianças, práticas que se tornaram comuns e são agora integradas às

celebrações familiares e comunitárias.

Apesar dessas mudanças, o Rio Grande do Sul preserva aspectos únicos de sua celebração pascal, como a valorização da gastronomia típica. Pratos tradicionais, que mesclam influências europeias com ingredientes locais, como o bacalhau preparado de formas diversas e o churrasco, permanecem como elementos centrais das reuniões familiares durante este período.

Interessantemente, a Páscoa gaúcha também reflete a forte identidade cultural do estado por meio do folclore e das lendas locais, que são recontadas e celebradas, conectando as gerações atuais com suas raízes e tradições ancestrais. Essa conexão entre o passado e o presente é um testemunho da capacidade da cultura gaúcha de se reinventar, mantendo-se fiel às suas origens.

A Páscoa no Rio Grande do Sul é um fenômeno que sintetiza a jornada histórica de um povo e sua capacidade de adaptar e integrar diferentes influências culturais, mantendo vivas as tradições que definem sua identidade. As celebrações pascais, ricas em simbolismo religioso e cultural, não apenas perpetuam a herança histórica do estado, mas também refletem as dinâmicas contemporâneas da sociedade gaúcha, servindo como um lembrete vibrante da complexidade e da riqueza cultural do Rio Grande do Sul.

Torres e a Colônia São Pedro

Localizada no extremo norte do litoral do Rio Grande do Sul, fazendo fronteira com Santa Catarina, Torres dista 195 km de Porto Alegre, sendo acessível pela Estrada do Mar e pela BR-101. A região, já por volta de 1500, era marcada por uma tríade geográfica distintiva: praias, dunas, banhados e a exuberante Mata Atlântica, elementos esses que desempenharam papel crucial no assentamento humano da área (Flores, 1990).

Desde tempos pré-históricos, a área testemunhou a presença humana, inicialmente com os “homens de sambaqui”, pertencentes à raça “paleoameríndia”. Esses indivíduos, contemporâneos de habitantes de cavernas em Minas Gerais e de mamutes, são considerados descendentes de australianos que migraram para a América via Antártica, estabelecendo-se na costa muito antes da era cristã. Eram habilidosos na confecção de instrumentos de pedra e artesanatos como as “itaizás”, além de serem exímios pescadores (Flores, 1990).

Após o período dos sambaquis, surgiram os índios Carió e Guaianá, possíveis descendentes dos primeiros habitantes. A chegada da civilização

branca se deu por terra, com o litoral catarinense recebendo espanhóis e portugueses desde cedo. Os espanhóis, estabelecendo-se inicialmente na costa, formaram a comunidade de Laguna, em Santa Catarina (Flores, 1990).

O comércio entre Laguna e São Vicente, São Paulo, ganhou força na segunda metade do século XVI, caracterizado por um sistema de trocas que incluía uma variedade de produtos. O comércio de escravos índios, intensificado a partir de 1600, provocou um despovoamento gradual da costa, incluindo Torres.

Os jesuítas chegaram por volta de 1596, tentando catequizar os índios envolvidos no tráfico, o que, junto a doenças trazidas pelos europeus, contribuiu para o declínio da população indígena. Seguiram-se tentativas de exploração de prata e ouro, sem sucesso na promoção do povoamento.

A importância de Torres como “Porta do Rio Grande” se consolidou no século XVIII, servindo de rota para exploradores e comerciantes. A presença militar e fiscal se estabeleceu na região com a construção do Forte São Diogo em 1777, em resposta a invasões espanholas (Flores, 1990).

O povoamento efetivo só ocorreu com a chegada de descendentes de imigrantes açorianos de

Santa Catarina e, no século XIX, de colonos alemães, buscando novas vidas com promessas de incentivos e terras. A distribuição dos colonos buscou evitar conflitos religiosos, mas desafios como enchentes levaram a migrações para áreas mais altas.

A Colônia São Pedro, hoje conhecida como Dom Pedro de Alcântara, é um exemplo fascinante da história da imigração e colonização no Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul. A história dessa colônia se inicia com a doação de terras pelo Imperador Dom Pedro II, numa época em que o governo brasileiro incentivava a vinda de imigrantes europeus para ocupar e desenvolver o sul do país. Essa política tinha como objetivo não apenas povoar regiões pouco habitadas, mas também trazer novas técnicas agrícolas e aumentar a produção local (Raupp, 1989).

A doação de terras pelo imperador foi um gesto simbólico importante, demonstrando o compromisso do governo imperial com a colonização e o desenvolvimento da região. No entanto, essa iniciativa não foi acompanhada pelo apoio necessário para garantir o sucesso da colônia. Os primeiros colonos, muitos dos quais eram de origem alemã e açoriana, enfrentaram dificuldades significativas desde o início. O isolamento da região,

devido à falta de estradas e meios de transporte adequados, limitou o acesso a mercados para vender seus produtos e comprar o que era necessário para a sobrevivência e o desenvolvimento da colônia.

Apesar dos desafios, a Colônia São Pedro conseguiu não apenas sobreviver, mas também desenvolver uma identidade cultural única. A mistura das tradições alemãs e açorianas criou um tecido social e cultural muito particular, que se reflete na arquitetura, na culinária, nas festas e no modo de vida dos habitantes da região. Essa identidade é um dos tesouros de Dom Pedro de Alcântara, atraindo turistas e pesquisadores interessados em conhecer mais sobre a história e a cultura local.

A economia da colônia se desenvolveu principalmente em torno da agricultura e da pecuária. Sem acesso a mercados distantes ou a tecnologias modernas de produção, os colonos focaram no que podiam fazer melhor: cultivar a terra e criar animais. Com o tempo, essas atividades não apenas sustentaram a colônia, mas também permitiram um certo nível de prosperidade. Os produtos agrícolas e pecuários se tornaram a base da economia local, e algumas famílias conseguiram acumular riqueza e influência na região.

Hoje, Dom Pedro de Alcântara é um

município que luta para preservar sua herança cultural enquanto enfrenta os desafios do mundo moderno. A região ainda é predominantemente rural, e a agricultura e a pecuária continuam sendo atividades econômicas importantes. No entanto, o município busca formas de diversificar sua economia, investindo em turismo e em pequenas indústrias, tentando encontrar um equilíbrio entre a preservação de sua identidade única e as necessidades de desenvolvimento econômico e social.

A história da Colônia São Pedro é um testemunho da resiliência e da capacidade de adaptação de seus habitantes. Apesar das dificuldades iniciais e do isolamento, a região conseguiu desenvolver uma identidade própria e uma economia sustentável, mantendo vivas as tradições de seus antepassados enquanto se adapta às exigências do presente.

O catolicismo, desde os primórdios da colonização portuguesa no Brasil, desempenhou um papel fundamental na formação cultural e social das comunidades locais. A influência da Igreja Católica não se limitou apenas ao aspecto religioso; ela permeou diversos aspectos da vida cotidiana, moldando costumes, tradições e até mesmo a organização social das localidades. No caso específico de Torres e da Colônia São Pedro, essa influência é um reflexo da

história rica e complexa dessas regiões, marcada pela presença de imigrantes, principalmente portugueses, que trouxeram consigo suas práticas religiosas, festas e rituais católicos (Marques et al., 2020).

As festas religiosas, como elemento central da vida comunitária, servem não apenas como momentos de devoção, mas também como importantes eventos sociais que fortalecem os laços comunitários. Essas celebrações, muitas vezes, seguem o calendário litúrgico católico, marcando eventos como a Páscoa, o Natal, Corpus Christi, além de festas dedicadas a santos específicos, que podem variar de acordo com as tradições locais. Em Torres e na Colônia São Pedro, essas festividades são momentos de grande mobilização comunitária, envolvendo missas, procissões, quermesses, e outras atividades culturais que reforçam a identidade e a coesão social da comunidade.

O catolicismo contribuiu para a formação de uma base ética e moral compartilhada, influenciando o comportamento, as crenças e os valores das pessoas. Além disso, a arquitetura local também reflete essa influência, com a presença marcante de igrejas e capelas que muitas vezes se tornam pontos de referência nas comunidades. Esses espaços não servem apenas como locais de culto, mas também

como centros de atividade social e cultural, onde se realizam encontros, celebrações e até mesmo ações de caridade e apoio mútuo (Marques et al., 2020).

A manutenção dessas tradições católicas até os dias atuais demonstra não apenas uma fidelidade religiosa, mas também um profundo respeito pela história e pela herança cultural dessas comunidades. Ao mesmo tempo, essas tradições se adaptam e se reinventam, incorporando elementos contemporâneos sem perder sua essência. Isso é evidente na forma como as novas gerações participam e dão continuidade às festas e práticas religiosas, garantindo sua perpetuação no tempo.

O catolicismo, ao moldar os costumes locais em Torres e na Colônia São Pedro, não apenas forjou uma identidade comunitária coesa, mas também criou um tecido social rico e diversificado, onde as tradições religiosas continuam a desempenhar um papel central. Essa influência transcende o aspecto puramente religioso, refletindo-se em aspectos culturais, sociais e até mesmo econômicos da vida dessas comunidades, demonstrando a complexidade e a riqueza da herança cultural que continua a ser preservada e valorizada.

A Páscoa na Colônia São Pedro: uma visão a partir da pesquisa

Este segmento do estudo oferece uma análise aprofundada das tradições pascais na Colônia São Pedro, fundamentada nos depoimentos colhidos com residentes locais, cujas narrativas fornecem um vislumbre íntimo das práticas e crenças que permeiam a celebração da Páscoa nesta comunidade. Alguns dados foram complementados por outras pessoas que, apesar de não morarem mais na localidade, nasceram lá e recordam diversos aspectos da tradição da Páscoa. A singularidade da Páscoa nesta localidade manifesta-se não apenas na preservação de práticas culinárias e na confecção de utensílios ao longo dos anos, mas também na manutenção de certos rituais religiosos, apesar de algumas adaptações ao longo do tempo.

Historicamente, entre os anos de 1940 e 1958, a Páscoa emergia como a festividade popular mais aguardada, envolvendo a comunidade em uma antecipação coletiva, especialmente entre as crianças. Este período era marcado por uma abstinência de celebrações profanas, como festas e bailes, refletindo um estado de luto simbólico durante a Quaresma. Rituais distintivos eram observados na Quinta e Sexta-feira Santas, com a cobertura das imagens sacras com

tecidos roxos na igreja, uma prática que simbolizava o luto e a penitência, culminando com a sua remoção no Sábado de Aleluia, sinalizando um renascimento espiritual. Durante estes dias, era notável a divisão das mulheres em grupos para a oração, categorizadas como “Filhas de Maria” e “Apostolado da Oração”, com vestimentas que refletiam seu estado civil, acompanhadas pelo sacerdote da paróquia.

A Sexta-feira Santa era observada com um jejum rigoroso de carne, e o ambiente nas residências era marcado por uma seriedade reflexiva, contrastando com a coleta da “macela²” antes do amanhecer, uma prática enraizada na crença de suas propriedades curativas, abençoadas pelos primeiros raios solares.

2 Macela é uma erva medicinal nativa do Brasil, conhecida cientificamente como *Achyrocline satureioides*. Pertence à família Asteraceae e é amplamente utilizada na medicina popular devido às suas propriedades terapêuticas. A macela possui pequenas flores amarelas e folhas verde-acinzentadas cobertas por uma fina camada de pelos brancos. Tradicionalmente, as flores e folhas secas da macela são utilizadas para fazer chás e infusões. É conhecida por auxiliar no tratamento de problemas digestivos, como má digestão, azia, gases e cólicas. Também é indicada para aliviar sintomas de ansiedade, insônia e estresse devido ao seu efeito calmante suave. Além disso, a macela possui propriedades anti-inflamatórias, antiespasmódicas e antioxidantes. Pode ser benéfica para o sistema imunológico, ajudando a fortalecer as defesas do organismo. Em algumas regiões, é usada topicamente para tratar problemas de pele, como acne, eczema e feridas.

Este era um momento particularmente reservado aos meninos da comunidade.

A “Procissão Luminosa” da Sexta-feira Santa constituía um ato de veneração ao “Senhor Morto”, uma cerimônia carregada de simbolismo e contemplação, realizada com tochas de taquara. O Sábado de Aleluia marcava uma transição, com a remoção dos tecidos roxos e a ornamentação das igrejas, prenunciando o fim do luto espiritual e o início das celebrações, incluindo o abate de gado para consumo comunitário e familiar.

Curiosamente, o Sábado de Aleluia não incluía cerimônias religiosas, exceto pela “bênção da água e do fogo”, uma prática que precedia a celebração da missa no Domingo de Páscoa. Este dia era pontuado pela “malhação de Judas”, um evento de caráter folclórico que envolvia toda a comunidade, incluindo figuras eclesásticas, em um espetáculo público de repúdio à traição.

A tradição de presentear os afilhados no Domingo de Páscoa, por parte das madrinhas, é uma prática que reforça os laços comunitários e familiares, envolvendo a preparação de cestas com doces e ovos pintados, uma manifestação do carinho e do compromisso espiritual entre padrinhos e afilhados. A confecção de ninhos e a celebração do “jogo do ovo” são

exemplos de como as festividades da Páscoa incorporam elementos lúdicos e educativos, transmitindo valores e fortalecendo a identidade comunitária.

O “Jogo do Ovo” é uma brincadeira tradicional que acontece principalmente durante a época da Páscoa, devido à tradição dos ovos neste período. Para jogar, cada participante escolhe um ovo, e os meninos geralmente sabem identificar quais são os ovos mais resistentes. O jogo começa com cada jogador segurando seu ovo na mão, deixando apenas uma pequena parte exposta. Antes de iniciar, os jogadores decidem qual parte do ovo será usada para bater no ovo do adversário. Eles podem escolher entre “bico com bico” (a parte mais pontuda do ovo), “bunda com bunda” (a parte mais arredondada), ou “bico com bunda”. Após a escolha, um jogador bate seu ovo contra o ovo do adversário. O objetivo é quebrar o ovo do oponente sem que o seu próprio ovo se quebre. O jogador cujo ovo quebra durante a batida perde a rodada e deve entregar seu ovo quebrado ao vencedor, que pode levá-lo para casa. O jogo continua com os participantes desafiando uns aos outros até que reste apenas um jogador com o ovo intacto, que é declarado o vencedor final. Esta brincadeira é uma forma divertida de celebrar a Páscoa e aproveitar a

tradição dos ovos decorados.

As entrevistas realizadas com as pessoas que viveram e ainda vivem a celebração da Páscoa na Colônia São Pedro revelou um fenômeno multifacetado, enraizado em tradições religiosas, culturais e sociais que se entrelaçam para formar uma tapeçaria viva da herança comunitária. A preservação dessas práticas ao longo das gerações atesta a força da memória coletiva e do desejo de manter viva a identidade cultural da colônia.

A Páscoa na Atualidade da Colônia São Pedro

Na pitoresca Colônia São Pedro, as tradições da celebração da Páscoa são zelosamente preservadas, refletindo a rica tapeçaria cultural de sua comunidade. A preparação para este evento significativo inicia-se quinze dias antes da data festiva, marcando o início de um período repleto de espiritualidade e confraternização.

Neste contexto, o pároco da localidade desempenha um papel central, ao organizar grupos de mulheres encarregadas de liderar a “novena” preparatória. Essas mulheres, agora unidas sem distinção entre casadas e solteiras, dividem-se em equipes, cada uma responsável por levar a novena a um conjunto específico de residências. Este período de preparação espiritual, que começa quinze dias antes da Páscoa e se estende até a Quarta-feira Santa, é um momento de reflexão e união para a comunidade.

Paralelamente às práticas espirituais, a culinária pascal ganha vida, com a produção antecipada de uma vasta gama de doces e confeitados. Estes, tradicionalmente secos, são preparados em fornos de barro, um método que perdura desde o início da colonização. O uso do forno de barro é uma arte em si, com uma sequência específica de

assados que maximiza sua capacidade térmica, desde o pão de milho e o café torrado até os delicados merengues e o amendoim açucarado. Esta técnica culinária não apenas preserva sabores únicos, mas também fortalece os laços com as tradições passadas.

As celebrações religiosas atingem seu ápice nas Quinta e Sexta-feira Santas, com missas dedicadas à adoração do “Senhor Morto” e uma procissão com velas ao anoitecer da Sexta-feira Santa, que evoca a jornada de Jesus na “via sacra”. Esta procissão, imbuída de um profundo sentimento de fé e comunidade, é um dos momentos mais emblemáticos da Páscoa na colônia.

A Sexta-feira Santa também é marcada pelo jejum de carne, com o peixe servindo como o principal alimento do dia. O Sábado de Aleluia é celebrado com uma missa especial, em que o padre acolhe os fiéis com um grande círio pascal, simbolizando a luz da ressurreição. As velas distribuídas nessa ocasião são levadas para casa, servindo como um lembrete da proteção divina durante tempestades.

Curiosamente, no Domingo de Páscoa, não há missa, pois, conforme ensinado pelo padre, é um dia para “buscar a Páscoa”, uma tradição que envolve o convite das madrinhas aos seus afilhados,

perpetuando o costume de presentear na Páscoa até o casamento dos afilhados, e potencialmente além.

Embora a maior parte das tradições pascais tenha sido preservada, algumas práticas sofreram alterações ao longo do tempo, como os horários das missas e a descontinuação da missa do Domingo de Páscoa. A “malhação do Judas” é uma das poucas tradições que deixaram de ser praticadas. No entanto, a essência dos festejos pascais, incluindo a confecção de doces e a interação entre madrinhas e afilhados, continua a ser um pilar da celebração na Colônia São Pedro. Adicionalmente, a introdução de ovos de chocolate nas cestas de Páscoa representa uma doce inovação nas tradições locais, enriquecendo ainda mais as festividades.

Outros Dados Coletados na Pesquisa: Glossário e a Culinária da Páscoa

No desenvolvimento da nossa pesquisa na Colônia São Pedro, além das valiosas informações obtidas por meio de entrevistas com os residentes locais, tomamos a iniciativa de elaborar um glossário. Este compreende termos peculiares utilizados pela comunidade, e, igualmente, decidimos catalogar as receitas típicas da região relacionadas à celebração da Páscoa. A seguir, apresentamos detalhadamente o glossário e as tradições culinárias pascais.

Glossário Pascal da Colônia São Pedro

1. Assuntar: Significa engajar-se em uma conversa.
2. Róssia ou Ross: Derivação do termo alemão “hase”, que se traduz como lebre ou coelho.
3. Rosquete: Refere-se a uma bolacha de formato circular adornada com merengue.
4. Catuxa: Um cone feito de papel, decorado com papel crepom colorido, utilizado para acondicionar amendoim açucarado.
5. Pan de ló: Conhecido como pão de ló.
6. Encrenca: Termo utilizado para descrever um problema.
7. Benta: Adjetivo que significa abençoada.

8. Tormenta: Sinônimo de tempestade.

9. Girau: Espaço no sótão da casa destinado ao armazenamento de mantimentos e grãos colhidos.

Tradições Culinárias da Páscoa na Colônia São Pedro

Rosquete e Bolacha

Ingredientes:

- 3 ovos
- 1 xícara de açúcar
- 1 xícara de leite
- 1 colher de chá de amoníaco
- 1 colher de sopa de manteiga
- Farinha de trigo (quantidade suficiente para obter a consistência desejada)

Preparo:

Misture todos os ingredientes, adicionando farinha de trigo até que a massa atinja a consistência adequada. Para as bolachas, abra a massa e corte-a no formato de sua preferência. Para os rosquetes, forme rolinhos com pequenas porções da massa. Asse em forno médio. Após o cozimento, aplique uma calda de açúcar e misture até que fiquem secos e com aparência esbranquiçada. Em dias ensolarados, é possível secar os rosquetes e as bolachas ao sol, o que os deixa ainda mais brancos.

Ovos Pintados

Cozinhe os ovos até que estejam firmes e frios. Posteriormente, decore-os utilizando papel crepom, papel de seda, cascas de cebola roxa ou macela embebida em cachaça.

Calda

Ingredientes:

- 2 xícaras de açúcar
- 1 xícara de água

Preparo:

Combine os ingredientes e leve ao fogo, cozinhando até que as bolhas formadas comecem a “implodir” e adquiram uma coloração amarelada. Desligue o fogo assim que atingir o ponto de açúcar.

Amendoim Açucarado

Asse o amendoim e, após esfriar, retire a casca. Prepare uma calda separadamente e despeje sobre o amendoim, mexendo até que fique “branquinho” e “sequinho”.

Pão de Ló

Ingredientes:

- Adicione uma colher de sopa de açúcar para cada ovo utilizado.
- Farinha de trigo até atingir a consistência desejada.

Preparo:

Misture todos os ingredientes e asse em uma forma. Após assado, corte em quadrados. Cubra todos os lados, exceto um, com merengue e leve ao forno para secar. Após secar, aplique merengue no lado restante e asse novamente até secar completamente. O ponto ideal do forno pode ser testado colocando uma folha de bananeira; se secar rapidamente, está no ponto certo para o pão de ló.

Merengue

Ingredientes:

- 3 colheres de sopa de açúcar para cada clara utilizada.

Preparo:

Bata na batedeira até que a mistura engrosse. Forme pequenas bolinhas e asse em forno de barro. O forno deve estar em uma temperatura moderada, não muito alta.

Considerações Finais

Ao longo de mais de cinco décadas, as celebrações da Páscoa mantiveram-se notavelmente constantes, com poucas alterações observadas. Nota-se uma exceção no contexto das práticas religiosas, particularmente no que tange aos horários das celebrações eucarísticas e à eventual descontinuação da missa dominical específica da Páscoa. Isso reflete a adesão da comunidade às diretrizes eclesásticas, que reforçam o domingo como o dia dedicado à busca e celebração da ressurreição.

Durante a execução da pesquisa de campo, tornou-se evidente a profunda reverência e valor atribuído à Páscoa pelos habitantes do local estudado, reafirmando-a como a celebração mais significativa para essa comunidade. Os relatos coletados dos participantes da pesquisa destacaram a importância cultural e emocional da data, evocando, frequentemente, uma nostálgica reminiscência dos encantos da infância e da expectativa pelo “rössia”.

A meticulosa preparação dos alimentos típicos e das novenas religiosas é conduzida como um autêntico ritual. As mulheres, em particular, dedicam-se com esmero e amor, garantindo que tudo esteja impecável e conforme as expectativas

para a ocasião, especialmente para os afilhados que aguardam ansiosamente seus presentes.

Na Colônia São Pedro, a Páscoa transcende sua dimensão religiosa, consolidando-se como um evento folclórico de grande valor cultural. Apesar da crescente influência da tecnologia e das mudanças no mundo contemporâneo, essa tradição permanece vibrante e profundamente enraizada, continuando a ser uma expressão autêntica da identidade e do patrimônio cultural desse pitoresco recanto do Rio Grande do Sul.

A influência da Páscoa na coesão social da Colônia São Pedro é notável. Os eventos comunitários, que incluem desde as procissões até os encontros familiares, fortalecem os laços entre os moradores, promovendo um senso de pertencimento e continuidade cultural. Essas celebrações atuam como um catalisador para a transmissão de valores e tradições de uma geração para outra, garantindo a preservação de práticas que definem a identidade da comunidade. A participação ativa dos jovens, incentivada pelos mais velhos, demonstra um equilíbrio entre a reverência ao passado e a adaptação às novas realidades, mantendo viva a chama das tradições pascais.

Ademais, a culinária pascal desempenha um papel central nas festividades, servindo como um elo de união e expressão de identidade cultural.

Pratos típicos, como o bacalhau e o “róssia”, são preparados com receitas que passam de geração em geração, cada uma contando uma história própria, rica em simbolismo e significado. Esses momentos culinários não apenas satisfazem o paladar, mas também alimentam a alma da comunidade, reforçando a importância da memória coletiva e do patrimônio imaterial que a Páscoa representa.

A celebração da Páscoa na Colônia São Pedro reflete um profundo respeito pela tradição, ao mesmo tempo em que evidencia uma capacidade de adaptação às mudanças sociais e tecnológicas. A preservação dessa festividade, rica em significados e tradições, destaca a importância de olhar para o passado com reverência, enquanto se caminha em direção ao futuro. Assim, a Páscoa continua a ser um pilar de identidade cultural, unindo a comunidade em celebração, reflexão e renovação.

Por fim, vale comentar sobre os sentimentos resultantes da realização desta pesquisa. A realização de uma pesquisa é, sem dúvida, uma jornada repleta de riquezas intelectuais e pessoais. Ao mergulhar profundamente em um tema específico, como foi o da Páscoa, não apenas tivemos nossos conhecimentos expandidos, mas também desenvolvemos uma série de habilidades valiosas que transcendem o escopo

da pesquisa em si. Este processo de aprendizado foi multifacetado e abrange diversas dimensões.

Primeiramente, a pesquisa promoveu um aprofundamento teórico e prático sem paralelos. Ao mergulharmos nas literaturas específicas da Páscoa, transformamo-nos não somente em consumidoras de conhecimento, mas também em suas produtoras. Esta imersão propiciou uma compreensão mais aprofundada de teorias, modelos e *frameworks*, permitindo-nos fazer conexões entre conceitos que anteriormente pareciam desconexos. Além disso, a aplicação prática de teorias via coleta dos dados ofereceu-nos uma rica oportunidade de aprendizado, em que pudemos testar hipóteses, validar teorias ou até mesmo descobrir novos fenômenos.

Em segundo lugar, a pesquisa fomentou o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e profissionais, tais como pensamento crítico, resolução de problemas, gestão do tempo, disciplina e perseverança, que são aspectos constantemente desafiados e aprimorados ao longo do processo de pesquisa. A capacidade de avaliar criticamente as fontes de informação, argumentar de forma coerente e comunicar resultados de maneira inteligível são apenas alguns exemplos do vasto conjunto de competências que desenvolvidas. Ademais, a pesquisa frequentemente

requer que o indivíduo aprenda a trabalhar de forma colaborativa, seja com orientadores, colegas de pesquisa ou participantes do estudo, promovendo assim habilidades interpessoais e de trabalho em equipe. Trabalhamos juntas, o que foi importante.

Por fim, mas não menos relevante, o processo de pesquisa foi uma jornada de autoconhecimento e crescimento pessoal. A partir de desafios enfrentados, desde a definição do problema de pesquisa até a apresentação dos resultados, fomos constantemente convidadas a refletir sobre suas motivações, paixões e limitações. Esta jornada introspectiva levou-nos a insights pessoais significativos, fortalecendo a resiliência, a autoconfiança e a capacidade de lidar com a incerteza e o fracasso. Além disso, a paixão pelo conhecimento que frequentemente acompanha os pesquisadores se tornou uma fonte de inspiração e motivação, impulsionando-os a continuar explorando e questionando o mundo ao nosso redor.

A realização desta pesquisa foi uma experiência enriquecedora que vai muito além da simples aquisição de conhecimento. Ela moldou o caráter, afiou a mente e alimentou a alma, oferecendo uma oportunidade única de crescimento intelectual, profissional e pessoal. Conhecer nossas origens foi um processo de autoconstrução.

Referências

ALIKIN, Valeriy A. The origin of the weekly gathering in the early church. In: ALIKIN, Valeriy A. **The earliest history of the Christian gathering**: Origin, development and content of the Christian gathering in the first to third century. Leiden: Brill, 2010. p. 17-78. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1163/j.ctt1w76wv6.6>. Acesso em: 31 mar. 2024.

BARNETT, James H. The Easter Festival--A Study in Cultural Change. **American Sociological Review**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 62-70, fev. 1949. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2086447>. Acesso em 31 mar. 2024.

BLACK, K. et al. The Christian Year. In: **Rhythms of Religious Ritual**: The Yearly Cycles of Jews, Christians, and Muslims. Vol. 1, p. 75-124. Claremont Press, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ct-vwrm4gj.7>. Acesso em: 4 abr. 2024.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr-8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf>. Acesso em: 2 abr. 2024.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão, 1990.

HASTINGS, Adrian; MASON, Alistair; PYPER, Hugh S. (Eds.). **The Oxford Companion to Christian Thought**. Edição ilustrada. Oxford Companions Series. Oxford: Oxford University Press, USA, 2000.

HUTTON, R. **The stations of the sun: a history of the ritual year in Britain**. USA: Oxford University Press, 2001.

JUDGE, E. H. **Easter in Kishniev: anatomy of a Pogrom**. NYU Press, 1992.

KHALID, Hewa Salam. Newroz from Kurdish and Persian Perspectives – A Comparative Study. **Journal of Ethnic and Cultural Studies**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 116-130, abr. 2020. Hasan Aydin. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/48710250>. Acesso em: 31 mar. 2024.

LAYTANO, Dante de. **Folclore no Rio Grande do Sul: Levantamento dos costumes e tradições gaúchas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão; Caxias do Sul: Educs, 1987.

MARQUES, Liliam A. et al. **Rio Grande do Sul: Aspectos do folclore**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2020.

MOSSHAMMER, Alden A. **The Easter computus and the origins of the Christian Era**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

NEWALL, Venetia. Easter Eggs: Symbols of Life and Renewal. **Folklore**, [S.l.], v. 95, n. 1, p. 21-29,

1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1259756>. Acesso em 31 mar. 2024.

PEPPARD, M. The Procession of Women. In: **The World's Oldest Church: Bible, Art, and Ritual at Dura-Europos, Syria**. New Haven: Yale University Press, 2016. p. 111-154. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt1kft8j0.8>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PEREIRA, José Carlos. O encantamento da Sexta-Feira Santa: manifestações do catolicismo do folclore brasileiro. São Paulo: Annablume, 2005.

PITRE, Brant James. **Jesus and the Jewish Roots of the Eucharist: Unlocking the Secrets of the Last Supper**. New York: Image, 2016.

RAUPP, Francisco. **Além da quarta lagoa**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1989.

SANDERS, E. P. **Judaism: practice and belief, 63 BCE-66 CE**. Minneapolis: 1517 Media, Fortress Press, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctt17mcs1x> e <https://www.jstor.org/stable/j.ctt17mcs1x>. Acesso em: 30 mar. 2024.

STADLER, Friedrich. **Stationen**. Dem Philosophen Und Physiker Moritz Schlick Zum 125. Geburtstag. Nova York: Springer, 2008.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STEFFEN, Analu. A estética diaspórica e a dádiva das

Pêssankas. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/7483>. Acesso em 31 mar. 2024.

STEFFLER, Alva William. **Symbols of the Christian Faith**. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

TALLEY, Thomas J. **The origins of the liturgical year**. Pueblo Bks. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1991.

WATTS, Alan. **Easter: Its Story and Meaning**. Novato, Ca.: New World Library, 2023.

WILKINSON, Richard H. **The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt**. London: Thames & Hudson, 2017.

YIN, Robert K. **Pesquisa estudo de caso: desenho e métodos** (2 ed.). Porto Alegre: Bookman, 1994.

ZAVADENKO, O. **One Hour Easter Egg Workshop: Make Your Own Pysanka From An Egg. Stress Relief Activity For Adults**. 2021.

Índice Remissivo

B

Brasil 6, 39, 40, 41, 46, 48

C

Catolicismo 48, 49, 50, 68

Celebração 5, 6, 7, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22,
23, 24, 25, 27, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37,
38, 39, 41, 42, 43, 51, 53, 54, 56, 57, 61, 63

Círio Pascal 28, 29, 35

Coelho da Páscoa 30, 31, 32

Colônia 6, 7, 46, 47, 53, 55

Colônia São Pedro 1, 5, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 44, 46,
47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 62, 63

Comunidade 5, 6, 8, 13, 14, 15, 22, 23, 29, 37, 38,
45, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 61, 62, 63

Cordeiro Pascal 24, 25, 26, 27, 35

Cristo 5, 17, 18, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 35,
37, 38, 39, 40, 42

Culinária 34, 40, 47, 54, 55, 62

Cultura 15, 23, 24, 32, 43, 47

Cultura local 15, 47

D

Domingo de Páscoa 34, 39, 53, 55, 56

Dom Pedro de Alcântara 5, 46, 47

E

Experiência humana 19, 20

F

Fé 22, 23, 24, 25, 27, 29, 36, 37, 39, 42, 55

Festividades 17, 19, 21, 24, 49, 53, 56, 62

I

Identidade cultural 13, 15, 43, 47, 53, 62, 63

J

Jesuítas 41, 45

Jesus Cristo 17, 26, 33, 39

O

Ovos 18, 24, 30, 31, 33, 34, 35, 39, 40, 42, 53, 56,
58, 59

Ovos de Páscoa 24, 30, 33, 34, 35

P

Páscoa 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43,
49, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64

Q

Quaresma 34, 39, 51

R

Ressurreição 5, 17, 18, 22, 24, 27, 28, 29, 31, 33,
34, 39, 42, 55, 61

Rio Grande do Sul 5, 6, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 62,
66, 67

S

Semana Santa 37, 38, 39, 42

Sexta-feira Santa 40, 52, 55

Símbolos 18, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36

T

Torres 1, 5, 6, 44, 45, 48, 49, 50

Tradição 5, 7, 16, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 32, 33,
34, 35, 36, 40, 42, 51, 53, 55, 62, 63

